

# 1

Às três e meia de uma manhã do princípio de janeiro, o alarmante som de coisas a raspar levou Chester MacFarland a acordar no seu beliche a bordo do *San Gimignano*. Sentou-se e avistou pela vigia uma parede de uma cor laranja-avermelhada, brilhantemente iluminada, muito perto e em movimento. A sua primeira ideia foi a de que estavam a passar muito junto de outro navio, o que o fez dar um salto para fora da cama, ainda meio a dormir, inclinando-se por cima do beliche da mulher e espreitando para o exterior com mais atenção. Na parede, que agora verificava ser de pedra, viam-se coisas escrevinhadas, riscos e números. NIKO, 1957, leu. W. MUSSOLINI. A seguir apareceu-lhe um PETE'60 com um ar muito americano.

O despertador começou a tocar, e Chester estendeu a mão para o agarrar, derrubando a garrafa de uísque que se encontrava ao lado, no chão. Carregou no botão para desligar o relógio e pegou no roupão.

— Querido...? Que se passa? — perguntou Colette, ensonada.

— Creio que estamos no canal de Coríntio — disse Chester. — Ou então... estamos muito próximos de outro barco. São três e meia. Queres ir ao convés?

— Hum... não... — murmurou Colette, ajeitando-se melhor no meio das roupas da cama. — Depois contas-me tudo...

Sorrindo, Chester deu-lhe um beijo na face quente.

— Vou subir. Não me demoro.

Mal tinha acabado de ultrapassar a porta do convés, quando deparou com o oficial que lhe dissera que passariam pelo canal às três e trinta da manhã.

— *Si, si! Il canale, Signor!* — disse o homem para Chester.

— Obrigado!

Chester sentiu uma vaga de emoção e aventura e manteve-se ereto contra o vento gelado, agarrado à amurada com as duas mãos. Era a única pessoa no convés.

Os lados do canal pareciam ter pelo menos quatro andares de altura. Debruçando-se da amurada avistou apenas escuridão nas duas extremidades do canal. Era impossível saber qual o seu comprimento, mas recordava-se de o ter visto no mapa com uma extensão de meia polegada, o que daria cerca de cinco quilómetros. Aquela vital via aquática era feita pelo homem. A ideia dava-lhe uma grande satisfação. Chester olhou para as marcas de perfuradoras e picaretas que ainda eram visíveis na rocha alaranjada... ou seria argila endurecida? Levantou os olhos para onde as margens do canal terminavam de modo abrupto de encontro à escuridão, e depois ainda mais para cima, para onde as estrelas brilhavam no céu da Grécia. Dentro de algumas horas veria Atenas. Sentiu uma certa vontade de ficar a pé o resto da noite, de ir buscar o sobretudo e permanecer no convés enquanto o navio abria caminho pelo mar Egeu em direção ao Pireu... mas no dia seguinte estaria muito cansado. Depois de alguns minutos, Chester regressou ao camarote e gatinhou para a cama.

Algumas cinco horas mais tarde, quando o *San Gimignano* já atracara no Pireu, Chester avançava para a amurada no meio de uma confusão de passageiros que resmungavam e de carregadores que tinham subido a bordo para ajudarem as pessoas a transportarem as bagagens. Chester tomara um pequeno-almoço preguiçoso no próprio camarote, preferindo esperar até que tivesse desembarcado a maioria dos passageiros, mas, a julgar pelo número de pessoas no convés e nos corredores, o desembarque ainda não começara. A cidade e o porto do Pireu pareciam-lhe uma barafunda desinteressante.

Sentia-se desapontado por não conseguir ver Atenas à distância através da neblina. Acendeu um cigarro e olhou calmamente para as figuras, em movimento e paradas, no largo cais. Bagageiros vestidos de azul. Alguns homens com sobretudos miseráveis andando para um lado e para o outro, inquietos, e lançando olhadelas para o navio: tinham mais aspeto de cambistas clandestinos ou de motoristas de táxis que de polícias, pensou Chester. Os seus olhos deslocavam-se

da esquerda para a direita e novamente para a esquerda ao longo de toda a cena. Não, não acreditava que algum daqueles homens pudesse estar à sua espera. A prancha de desembarque já se encontrava descida. Se houvesse alguém à sua espera não estaria já a subir para bordo, em vez de esperar no cais? Claro que sim. Chester pigarreou e puxou uma pequena fumaça no cigarro. A seguir virou-se e avistou Colette.

— A Grécia — disse, sorrindo.

— Sim, a Grécia — confirmou Chester, pegando-lhe na mão. Colette abriu os dedos, que entrelaçou nos dele. — É melhor tratar de arranjar um bagageiro. As malas estão todas fechadas?

Colette confirmou com um aceno.

— Encontrei Alfonso. Trará as malas cá para fora.

— Deste-lhe uma gorjeta?

— Hum, hum... Duas mil liras. Achas que está bem? — Os olhos azul-escuros muito abertos olhavam para Chester. As longas pestanas acastanhadas agitaram-se duas vezes. Reprimiu uma gargalhada que lhe borbulhou na garganta, uma gargalhada de felicidade e afeto.

— Não ouviste o que eu disse! Duas mil liras terá sido o suficiente?

— Duas mil liras está muito bem, querida — respondeu Chester, dando-lhe um beijo rápido nos lábios.

Alfonso apareceu com metade da bagagem, pousou-a no convés e regressou ao interior para ir buscar o resto. Chester ajudou-o a transportá-la pela prancha de desembarque até ao cais, onde três ou quatro outros bagageiros encetaram uma discussão sobre quem a levaria.

— Esperem! Esperem um momento! — disse Chester. — Dinheiro, sabem? Preciso de ir trocar dinheiro. — Agitou o livro de cheques de viagem e afastou-se a trote em direção à cabina dos câmbios, perto do portão do cais. Trocou um cheque de vinte.

— Por favor... — pediu Colette, dando pancadinhas protetoras numa das malas. Os bagageiros que discutiam cruzaram os braços, recuaram e esperaram, lançando-lhe olhares de aprovação.

Colette — um nome que escolhera para si mesma quando tinha 14 anos, em vez de Elizabeth — tinha 25 anos, um metro e cinquenta e sete de altura, cabelo castanho-claro com um tom avermelhado, lábios cheios, um nariz perfeitamente direito um pouco salpicado de sardas, e uns encantadores olhos azul-escuros, quase cor de alfaze-

ma. Os seus olhos fixavam tudo e todos com atenção e de frente, como os de uma criança inteligente e curiosa ainda na fase de aprendizagem. Os homens a quem fixava em geral sentiam-se petrificados e fascinados por esse olhar em que havia algo de especulativo, e quase todos os homens, fosse qual fosse a sua idade, pensavam: «Tem ar de quem está a ficar apaixonada por mim. Poderá ser?» A grande maioria das mulheres consideravam que essa expressão — e a própria Colette assim pensava — era ingénuo, demasiado ingénuo para ser perigosa. Era uma sorte, porque de outro modo poderiam mostrar-se ciumentas ou desconfiadas ante o seu ar atraente... Casara com Chester havia pouco mais de um ano e conhecera-o respondendo a um anúncio no *Times* em que pediam uma secretária-dati-lógrafa em *part-time*. Não necessitara de mais de dois dias para compreender que o negócio não era muito honesto — pois qual era o corretor da Bolsa que operava a partir do seu apartamento em vez de o fazer num escritório, e em que Bolsa eram cotadas as suas ações? —, mas Chester tinha um grande encanto. Era óbvio que possuía muito dinheiro e que esse dinheiro estava sempre a entrar, o que significava que não estava metido em nenhum sarilho. Chester já fora casado durante oito anos com uma mulher que morrera de cancro dois anos antes de Colette o conhecer. Tinha 42 anos, ainda com bom aspeto, um cabelo que começava a aclarar nas têmporas e tendência para criar barriga, mas Colette era propensa a ganhar peso em todo o lado, e as dietas eram algo a que estava habituada. Era-lhe fácil planear refeições que eram simultaneamente apetitosas e de baixas calorias.

— Cá vamos nós — disse Chester, agitando uma mão-cheia de dracmas. — Escolhe um táxi, querida.

Havia meia dúzia de táxis parados em volta, e Colette escolheu o que tinha um motorista com um sorriso amigável. Três bagageiros ajudaram-nos a carregar as sete peças de bagagem. Partiram para Atenas depois de colocarem duas malas no tejadilho. Chester sentou-se à frente, espreitando o Partenão no alto do monte ou qualquer outra marca paisagística que se recortasse contra o céu azul-pálido. Depois descobriu-se a olhar para um imaginário *Walkie Kar*, grande como toda a cidade de Atenas, vermelho e cromado, com o horrível guiador coberto a borracha e o feio assento de segurança em forma

de taça. Chester estremeceu. Que estupidez! Que risco idiota e desnecessário! Colette também lho dissera. Ficara um bocado zangada quando descobrira o assunto, e tivera toda a razão. A coisa acontecera assim: numa tipografia em que mandava fazer cartões de visita de negócios, Chester avistara um monte de folhetos anunciando o *Walkie Kar*. Havia uma fotografia, uma descrição, uma indicação de preço, doze dólares e noventa e cinco, e uma ordem de encomenda que podia ser arrancada ao longo de uma linha perfurada. O tipógrafo rira-se quando Chester pegara num dos folhetos e o examinara. A companhia falira, informou-o, e nem sequer lhe havia pago aquele trabalho. Não, não se importava que Chester levasse alguns folhetos, porque, de qualquer modo, eram para deitar fora. Chester afirmara querê-los para enviar a amigos, por brincadeira. Tratava-se de amigos que bebiam muito e ao princípio a ideia não passara daí, mas depois — por tentação, gabarolice, sentido de humor? — sentira-se impelido a tentar vender as malditas coisas e a bater de porta em porta. Servindo-se do seu velho encanto, conseguira vender mais de oitocentos dólares, principalmente a gente do Bronx. Mais tarde, deparara com um dos compradores no seu próprio edifício de apartamentos em Manhattan, e ainda por cima no momento em que abria a caixa do correio. O homem dissera que o *Walkie Kar* não fora entregue e que o mesmo acontecera com um seu vizinho. Por experiência própria, Chester sabia que, quando tal acontecia a duas pessoas que se conheciam, estas juntavam-se e acabavam por fazer qualquer coisa. Além disso, como o homem olhara com atenção para o nome escrito na caixa do correio, Chester considerara que seria preferível sair do país durante algum tempo do que mudar-se para outro apartamento e adotar um nome diferente.

Havia muito que Colette desejava visitar a Europa. Tinham planejado essa deslocação para a primavera, mas o incidente com o *Walkie Kar* fizera-os partir com quatro meses de antecedência. Tinham-se escapado de Nova Iorque em dezembro. Ah, sim, Colette repreendera-o com severidade por causa do episódio do *Walkie Kar* e também ficara — com toda a razão — aborrecida por a viagem ser no inverno, com um tempo menos agradável que na primavera. Para a consolar, Chester presenteara-a com um novo conjunto de malas de viagem e um *vison*, e estava disposto a fazer tudo o que lhe fosse